

Rodrigo Eberienos
celebra o passado
e o futuro do blues

PÁGINA 3



'A Procura de
Martina' ganha
prêmio na Itália

PÁGINA 5



Exposição revela
a arte resistente
do povo Makaxali

PÁGINA 8



2º CADERNO

Cantora celebra oito décadas com álbum que renova o gênero
ao reunir compositores de três gerações no álbum 'Wanda Sá 80'

Bossa Nova
é coisa do
passado?
Wanda Sá
prova
que não

Por Affonso Nunes

A pergunta ecoa há décadas: por que não se compõe mais bossa nova? Por que um gênero tão atemporal permanece cristalizado no repertório criado entre 1958 e meados dos anos 1960? Wanda Sá oferece uma resposta oportuna com "Wanda Sá 80", álbum lançado pelo selo Biscoito Fino que reúne oito composições inéditas criadas especialmente para celebrar seus 80 anos de vida e seis décadas de carreira.

O trabalho pode ser definido como uma ponte geracional, conectando veteranos fundadores do movimento como Roberto Menescal, Carlos Lyra e João Donato com os chamados "filhos" da bossa nova - Marcos Valle, Abel Silva, Ronaldo Bastos, Jards Macalé, Cristóvão Bastos, Joyce Moreno e Paulo César Pinheiro - e chegando até representantes de uma terceira geração, como Romulo Fróes, Bena Lobo e Nando Reis.

Esta diversidade demonstra a vitalidade criativa do gênero e sinaliza para sua capacidade de renovação sem perder a essência. **Continua na página seguinte**



Marcos Hermes/Divulgação

Bossa: nova e eterna



A abertura do álbum com “Não Pergunte Demais”, de Roberto Menescal e Abel Silva, estabelece imediatamente o tom: uma bossa nova clássica que evoca o Rio de Janeiro em abril, com toda a poesia urbana e melancolia suave que caracterizam o gênero. O arranjo de Antônio Adolfo, pontuado por convenções sofisticadas já na introdução, prepara o terreno para a voz de Wanda, que mantém intacta a elegância e precisão que a consagraram.

Entre os presentes mais preciosos do álbum estão as últimas composições deixadas por mestres recentemente falecidos. Carlos Lyra, reconhecido como o maior melodista da bossa nova, legou “O Tom do Amor”, um samba de melodia irresistível com letra de Ronaldo Bastos que situa a narrativa entre o Posto 6 e o Arpoador, território sagrado do movimento.

A participação de Isabel Lobo, filha de Wanda, adiciona uma dimensão emocional especial, revelando uma afinidade vocal comovente que ecoa a suavidade da jovem Wanda dos anos 1960.

O saudoso João Donato contribuiu com “Juntinhos”, uma composição que exemplifica perfeitamente a sofisticação harmônica da bossa nova: estrutura complexa repleta de modulações que resulta numa simplicidade viciante. Nando Reis captou com precisão o espírito donatiano na letra, construindo uma história de amor etérea através de uma sequência de verbos que cria um efeito quase hipnótico. A participação de Bebel Gilberto, literalmente filha da bossa nova, divide com Wanda o quebra-cabeça melódico numa interpretação que honra o legado do compositor.

O álbum surpreende pela capacidade de atrair criadores normalmente associados a outras

Wanda Sá tem no álbum as participações especiais de Joyce Moreno, Jards Macalé, Bebel Gilberto e os filhos Isabel e Bernardo Lobo

Divulgação



estéticas. Jards Macalé, conhecido por sua criatividade dionisíaca, assume uma postura apolínea em “A voz de sal”, parceria com Romulo Fróes que resulta numa bossa nova clássica - moderna, praiana e metalinguística, mas de leveza desconcertante. Cristóvão Bastos oferece “Foi sim”, melodia complexa e be-

líssima com acordes dissonantes e letra romântica de Abel Silva que equilibra leveza e melancolia.

A dimensão familiar ganha destaque em “Valsa nova”, presente do filho compositor Bernardo “Bena” Lobo, que morava em Portugal até recentemente. A saudade materna e a primeira parceria musical entre mãe e filho inspiraram Wanda a escrever a letra, numa rara incursão como compositora que remonta a “Encontro”, parceria com Nelson Motta em seu disco de estreia. O resultado é literalmente uma valsa bossa nova, com participação vocal do próprio Bena.

Joyce Moreno, natural de Copacabana como Wanda e representante da mesma geração, contribui com “Se solta, coração”, parceria com Paulo César Pinheiro que trata da espera de um novo amor com a suavidade característica do gênero. As duas dividem a interpretação de forma tocante, como se toda

uma geração cantasse em uníssono. Em contraponto, “Só desalento” aborda o fim de um relacionamento, mas tanto a letra de Nando Reis quanto a música de Marcos Valle mantêm a mesma leveza e qualidades melódicas, demonstrando que a bossa nova é fundamentalmente um ponto de vista sobre a vida e a música.

A produção musical reflete a mesma diversidade geracional dos compositores. Wanda convocou arranjadores de sua época como Antônio Adolfo, Dori Caymmi e Cristóvão Bastos, da geração seguinte como Celso Fonseca e Jessé Sadoc, chegando até nomes mais jovens como Guto Wirtti. Esta mistura resulta numa sonoridade que preserva a autenticidade histórica enquanto incorpora elementos contemporâneos.

Mesmo a única faixa que não é propriamente bossa nova, a canção religiosa “Ame ao senhor”, que reflete o cristianismo pessoal de Wanda, recebe tratamento bossanovista no arranjo de Adriano Souza e na interpretação da cantora. Esta coerência estética demonstra como o gênero transcendeu suas fronteiras originais para se tornar uma linguagem musical universal.

Wanda Sá ocupa posição única no cenário da bossa nova contemporânea. Participou do movimento original, lançou clássicos como “Inútil paisagem” e “Vagamente”, manteve viva a memória do gênero através de décadas e continua divulgando-o em turnês anuais pelo Brasil, Estados Unidos, Europa e Japão. Sua imagem na capa do LP “Wanda vagamente” de 1964, caminhando pela areia de Ipanema com o violão, permanece como síntese perfeita do movimento.

“Wanda Sá 80” celebra ao mesmo tempo uma carreira, um gênero musical genuinamente brasileiro e um legado, provando que a bossa nova não apenas permanece viva, mas continua capaz de renovação criativa sem perder sua essência. Quando surgirem novamente questionamentos sobre a ausência de novas composições no gênero, este disco oferece resposta definitiva: a nova bossa nova está aqui, nova e eterna.

Por Affonso Nunes

Três décadas depois de iniciar sua trajetória musical, o gaitista Rodrigo Eberienos lança o ótimo “New Old Stock”, álbum que mostra a força e vitalidade do blues. Referência em sua instrumento, Eberienos entrega releituras com pegada fusion de clássicos do gênero que cativa o ouvinte desde a primeira faixa, uma explosiva versão de Rollin’ and Tumblin’, um standard de autor desconhecido e gravado originalmente em 1929 por Hambone Willie Newbern.

A trajetória de Eberienos justifica seu ecletismo. O músico acumula participações em trilhas sonoras televisivas e colaborações com artistas de diferentes gerações e estilos como Sandy & Júnior, Zezé di Camargo e Luciano, Blues Etílicos, Nasi, Jerry Adriani e Nanda Moura. Sua versatilidade permitiu que transitasse com naturalidade entre blues, soul, rock e MPB, estabelecendo-se como um instrumentista capaz de dialogar com diferentes linguagens musicais.

“Eu sempre trabalhei com gravações pra TV, CDs, jingles e aprendi a tocar pros outros”, conta Eberienos, creditando parte de sua evolução técnica e artística à qualidade de suas influências. “Minhas referências sempre foram muito boas e aprendi ouvindo os melhores”, acrescenta o músico, que dividiu palcos com gaitistas estrangeiros renomados como António Serrano, Brendan Power, Mark Ford, além do mestre Maurício Einhorn, decano brasileiro do instrumento.

Essa base sólida de referências transparece agora em “New Old Stock”, onde essa experiência acumulada converge para um projeto autoral maduro, ainda que estejamos diante de álbum de versões. São ao todo dez faixas que equilibram tradição e inovação no universo do blues. O Além da citada “Rollin and Tumblin’”, Eberienos repagina clássicos como “Same Old Blues” (J.J. Cole), “Look Over



Rodrigo Eberienos tocou com grandes nomes da MPB e exibe toda a sua versatilidade com vários tipos de gaita em seu novo álbum

A história e o futuro do blues

Gaitista Rodrigo Eberienos lança o álbum ‘New Old Stock’ reunindo grandes nomes da cena blueseira nacional

Yonder’s Wall” (James “Beale Street” Clarke), “John the Revelator” (Blind Willie Johnson) e uma tocante releitura de “What a Wonderful World” (Bob Thiele e George David Weiss), eternizada por Louis Armstrong -

temas que atravessaram décadas e até hoje mobilizam plateias. Convém destacar a “Rumba for My Little Boy”, única composição autoral do álbum, dedicada ao filho do músico. Trata-se de uma explosão de latinidade que

flerta com o zydeco e ainda faz citações a dois temas emblemáticos da nossa canção popular: “Aquarela do Brasil” (Ary Barroso) e “Brasileirinho” (Waldir Azevedo).

A diversidade do repertório

Divulgação

Divulgação



reflete a preocupação de Eberienos em ampliar o alcance de sua música. “Fiz esse disco não apenas para gaitistas e sim para todos ouvirem e curtirem. É bem eclético”, explica. “Recebi diversos comentários nos quais todos curtem o disco, mas cada um tem uma música de preferência. Todas diferentes”.

A produção ficou a cargo de Marco Lacerda, com co-produção do próprio Eberienos, numa parceria que buscou capturar a essência do blues clássico sem abrir mão de elementos sonoros contemporâneos. O resultado agrada puristas do gênero e ouvintes menos familiarizados com o repertório tradicional do blues.

O trabalho conta com uma constelação de participações especiais Nanda Moura, Igor Prado, Álamo Leal, Brugger, Sonja, Mauricio Sahady, Hank Shreve, Marco Lacerda e Bob Arau emprestam suas vozes e instrumentos ao projeto, criando paisagens sonoras diversificadas, porém coesas. A banda base não fica atrás ao reunir craques da cena blues brasileira como o guitarrista Otavio Rocha, os baixistas Cesar Lago e Raphael Castro, os bateristas Beto Werther e Edu Coimbra e os tecladistas Zezo Olímpio e Pedro Augusto.

Os arranjos de “New Old Stock” propõem um mergulho emocional nas raízes do blues, trazendo sua essência para os dias de hoje. Recomendamos sua audição no mais alto volume possível, a fim de perceber suas distintas camadas sonoras. Ao longo das faixas, Eberienos mostra generosidade ao dividir seu brilho com os integrantes da banda base e os convidados.

Numa mescla de reverência e ousadia, “New Old Stock” celebra a história e o futuro do blues.

ENTREVISTA / EMILIO GALLO, CINEASTA

'Tenho encantamento quando identifico Cristo em homens comuns'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Realizador dos premiados “Entre Sem Bater” e “Tibira É Gay”, Emilio Gallo crê com ardor na potência cinematográfica de Miguel Pereira para se tornar um dos maiores polos criativos não apenas do Estado do Rio de Janeiro, mas de todo o país. A cidade ofereceu ao documentarista uma história daquelas que só os clássicos de Franco Zeffirelli no “Supercine” traziam igual: a cruzada do padre italiano Giancarlo Colombo para dar teto e acolhimento a crianças de rua, em 1960. Os relatos que ele colheu estão se transformando no .doc “Colombo, Um Oceano Entre Nós”.

É uma saga sobre caridade que reflete uma geografia talhada historicamente por flertes com o audiovisual. Com vários exercícios autorais no currículo inspirados pela liturgia católica, motivados não por vínculos ideológicos, mas por respeito ao papel altruísta da Igreja, Gallo explica ao Correio que cresceu num colégio de freiras, que faziam seu alunado assistir, todo domingo, sem exceção ao clássico “Marcelino, Pão e Vinho” (1955), de Ladislav Vajda. “O deslumbre que me causou ver a luz saindo do projetor é uma imagem que guardo até os dias de hoje”, diz o produtor e cineasta, que fala de Colombo no papo a seguir.

De que maneira um filme sobre o padre Giancarlo Colombo pode ser, de certa medida, um filme sobre fé, um filme sobre a essência humanista da crença no Cristo da Igreja Católica?

Emilio Gallo - Não consigo associar Cristo a uma determinada religião apenas, até porque, de certa forma, seus ensinamentos são respeitados por praticamente todas as religiões. Tenho certo encantamento quando consigo identificar Cristo na trajetória de homens aparentemente comuns. Veja a história do Padre Colombo. Um sacerdote



Divulgação

italiano deixa sua terra natal, em 1930, para chegar - de trem, carroça e lombo de burro - a um distante povoado chamado Santo Antônio da Estiva, atual Miguel Pereira, no interior do Rio de Janeiro, e construir um abrigo para cerca de cem meninas e meninos órfãos, abandonados nas ruas de Copacabana. Cercados de amor e carinho, eles hoje estão na vida, como homens e mulheres descendentes - e a maioria muito bem sucedidos. O filme mostra que, desde o século passado, não faltam exemplos para tratar essa questão. Falta é interesse, indignação e compaixão. Então, esse documentário vai além de ser um filme sobre a fé... ou a Igreja. É um filme sobre a força do acolhimento, da compaixão e da esperança contida na história de um homem humilde.

O que Miguel Pereira simboliza como arena criativa para o cinema e como polo audiovisual?

A cidade se modernizou bastante e vem se destacando como um polo turístico forte

e consolidado. Tem uma excelente infraestrutura, é tranquila, acolhedora e segura. Ela oferece uma luz única em termos fotográficos e locações espetaculares, principalmente quando se pensa em filmes de época. Ultimamente a cidade tem sido bastante requisitada como cenário de grandes produções, e a criação de uma Film Comissão, gestada pelo atual Secretário de Cultura, pode recoloca-la de volta aos trilhos de sua história com o audiovisual.

A trajetória de Miguel Pereira com o cinema vem de muito tempo, não?

Foi lá que, em 1960, foi filmado um dos maiores clássicos do cinema brasileiro, “Assalto ao Trem Pagador”, de Roberto Farias, com o grande Luiz Carlos Barreto em sua gênese, que representou o Brasil no Festival de Veneza em 1962. Foi lá também que a primeira mulher a ser eleita prefeita no Estado do Rio de Janeiro, Aristolina Almeida, promoveu, no início dos anos 1970, o primeiro Festival do Cinema Nacional, que, no auge da cen-

sura, abriu as telas do antigo Cine Império para películas que retratavam a realidade do país. Foi lá também que nosso único diretor a ganhar o Oscar, Walter Salles, filmou seu belíssimo curta “Caju & Castanha”. Reza a lenda que Salles, quando buscava um cinema para filmar, deparou-se com o antigo Cine Central, uma salinha de 100 lugares, intacta, mas praticamente abandonado. Comprou o cinema, mandou recuperar tudo, fez o filme e manteve a sala durante bastante tempo.

Que filmes, séries e especiais você fez com foco na religião e o que te levou a esse universo?

Meu primeiro documentário nessa linha foi “Esse Homem Vai Morrer”, em que tive como parceira a atriz Dira Paes. Ele fala do Padre Ricardo Resende que integrava uma lista de 14 pessoas marcadas para morrer no sul do Pará. Ganhou mundo e vários prêmios, entre eles duas Margaridas de Prata da CNBB. Na sequência, convidado pela produtora Patrícia Chamon, filmamos quatro longas sobre a história de santos de devoção. O projeto, “Padroeiros do Brasil”, aborda a história de São Pedro de Alcantara e Aparecida; depois, São Sebastião. Na sequência, veio “Divino Pai Eterno”, e, por último, “Jorge, o Padroeiro Guerreiro”, que também deu origem a uma série de cinco episódios. Fizemos juntos também um documentário pelo qual tenho muito carinho, sobre Santo Guido, jovem médico, surfista e seminarista brasileiro, a quem é atribuído diversos milagres, e que, em breve, será canonizado pelo Vaticano. O filme abriu a Jornada Mundial da Juventude, em Portugal, o que nos deu muito orgulho.

O que vem por aí, nessa profissão de fé?

Atualmente, Patrícia e eu estamos produzindo juntos dois documentários: tem esse sobre o Padre Colombo e um outro sobre Fátima e seus devotos, que já filmamos em Portugal, e agora estamos finalizando, filmando no Rio. Estamos produzindo também uma série de 13 episódios chamados “Poder e Fé no Vale do Café”, sobre as grandes fazendas da região a partir de suas capelas. O amor pelo próximo é a mensagem que conecta todos esses trabalhos.

Você vem de uma escola singular de formação no audiovisual: a experiência como produtor de reportagem na TV Globo. O que a passagem pelo jornalismo te trouxe de mais valioso?

O jornalismo te ensina a importância de ouvir, entender e respeitar o outro e sua história.

Léo Bittencourt/Divulgação



Em 'A Procura de Martina', a personagem-título é uma viúva argentina que procura há mais de trinta anos pelo neto, nascido em cativeiro durante a ditadura militar e que pode estar no Brasil

Cinema brasileiro segue em alta

'A Procura de Martina', dirigido por Márcia Faria, vence o Social World Film Festival, em Nápoles, e acumula quatro premiações em sua trajetória

Por Affonso Nunes

O cinema brasileiro volta a se destacar no cenário internacional com mais uma conquista significativa. "A Procura de Martina", longa-metragem dirigido pela cineasta brasileira Márcia Faria, acaba de receber o Golden Spike de melhor filme



Marcia Faria acolhe a narrativa de um drama familiar fruto da ditadura

estrangeiro no Social World Film Festival, prestigioso evento cinematográfico realizado em Nápoles, na Itália. A premiação, anunciada no último sábado, representa o quarto reconhecimento internacional da produção, consolidando sua relevância no circuito mundial de festivais.

O Social World Film Festival reuniu 97 produções de 30 países, distribuídos

em nove seções competitivas e não competitivas, configurando-se como uma vitrine importante para o cinema mundial contemporâneo. Na categoria em que concorreu, o filme brasileiro enfrentou produções da Polônia, Estados Unidos, Porto Rico e Itália, demonstrando a força da cinematografia nacional em um cenário altamente competitivo.

Esta mais recente distinção se soma a uma trajetória de reconhecimentos que começou no Festival do Uruguai, onde "A Procura de Martina" conquistou o Prêmio do Público de Melhor Filme. Posteriormente, a obra foi laureada no Festival de Mar del Plata com o Prêmio Astor Piazzolla de Melhor Longa-metragem Latino-americano, uma das mais importantes distinções do cinema regional. O terceiro prêmio veio do Festival Internacional de Balneário Camboriú, que concedeu o Prêmio Engrenagem de Melhor Atuação à protagonista Mercedes Morán.

A circulação internacional do filme também incluiu participações em eventos de prestígio como o Festival do Rio, a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo e o Festival de Guadalajara, no México, ampliando sua visibilidade e consolidando sua recepção crítica positiva.

Rodado inteiramente no Rio de Janeiro, o drama encontra sua força narrativa na inspiração em histórias reais das Avós da Praça de Maio, movimento de mulheres argentinas que há décadas buscam seus netos sequestrados durante o regime militar argentino. A diretora Márcia Faria constrói uma narrativa sensível e urgente ao acompanhar Martina, interpretada pela renomada atriz argentina Mercedes Morán, uma das "abuelas" que enfrenta uma corrida contra o tempo após receber o diagnóstico de Alzheimer, intensificando sua busca pelo neto desaparecido na capital fluminense.

O elenco reúne talentos de ambos os lados do Rio da Prata, com as argentinas Adriana Aizenberg e Cristina Banegas dividindo cenas com as brasileiras Luciana Paes, conhecida por "O Animal Cordial", e Carla Ribas, que integrou o elenco do oscarizado "Ainda Estou Aqui". Esta composição internacional reflete o caráter colaborativo da produção, que se configura como uma coprodução Brasil-Uruguai envolvendo as produtoras Kromaki, Ipanema Filmes, Básico e Criatura.

A temática abordada pelo filme ressoa com questões históricas fundamentais da América Latina, transformando a busca pessoal de uma avó em reflexão mais ampla sobre memória, justiça e os traumas deixados pelas ditaduras militares da região. A escolha do Rio de Janeiro como cenário adiciona camadas simbólicas à narrativa, estabelecendo pontes entre as experiências históricas brasileira e argentina.

Atualmente, "A Procura de Martina" está em circuito em salas do Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre e Vitória.

Divulgação/Disney

Por Pedro Sobreiro

O mês de julho marca grandes estreias nos cinemas, com ao menos um grande filme de ação saindo praticamente toda semana. Porém, no mês das férias escolares, um longa segue em cartaz para atender a molecada. Lançado há algumas semanas, “Elio” é a nova aposta da Disney/Pixar nas telonas.

A trama acompanha um pequeno garotinho que acabou de perder os pais em um acidente. Por conta disso, ele passa a ser cuidado pela tia, Olga, uma cientista da Nasa, que não tem o menor tato com crianças. Em uma de suas visitas ao trabalho da tia, o menino descobre as maravilhas da exploração espacial e fica fascinado pela possibilidade de haver vida alienígena esperando por ele fora da Terra.

Viciado em estudar os planetas, Elio sonha em ser abduzido. E sua vida muda de uma vez por todas quando ele intercepta uma mensagem espacial e se vende como o líder da Terra. Agora, o menino se encontra em um ‘Comuniverso’, no qual vai tentar mediar uma crise diplomática interplanetária contra uma raça de ETs guerreiros.

Na versão brasileira do filme, a Pixar convidou a atriz Juliana Paiva para dublar a tia Olga. Em conversa com a imprensa, ela contou estar realizando um sonho de dar voz a uma personagem da Disney.

“[Estrear na dublagem em um filme da Pixar] Foi o melhor dos mundos. Quando eu recebi o telefonema, me emocionei muito. Estava nos meus planos dublar uma animação desse tamanho, mas é um sonho que não depende só da gente. Então, esse projeto está sendo incrível! Conforme eu fui mergulhando mais no universo de ‘Elio’, no universo da Olga, eu fui me apaixonando mais por todos os recados que essa animação traz. A gente descobre que o filme é uma sessão de terapia em grupo, porque tem o encantamento da infância, já que é um filme que está esteticamente lindo, com uma galáxia linda – e sugiro que as pessoas



Juliana Paiva é a tia Olga, que assume a responsabilidade de cuidar do Elio, após tragédia familiar

Pedida certa para as férias da molecada

Em conversa com a imprensa, atriz Juliana Paiva falou sobre estrear como dubladora em ‘Elio’, novo filme da Pixar

assistam em 3D -, mas também por entender que é uma aventura sobre encontrar seu lugar no mundo, ressignificar fatos quando a vida te dá uma rasteira, sabe? Minha personagem é uma tia que se vê diante de

Divulgação/Disney



‘Elio’ é a aposta da Disney/Pixar para liderar as bilheteiras em 2025

uma maternidade precoce, lidando com um garoto órfão que se sente excluído. É uma aventura infantil,

mas é um filme de gente grande. A Disney/ Pixar faz isso com a gente. Por isso a emoção de poder fazer esse trabalho, porque falou com a ‘Julianinha’ que via esses filmes e agora faz parte da construção dessa magia para outra geração”, disse.

Por ser considerado por muitos fãs como o melhor estúdio de animação, a Pixar pode ser um desafio bastante intimidador para quem está começando. Por isso, o Correio da Manhã perguntou se Juliana sentiu um peso diferente de estrear na dublagem numa produção deste tamanho.

“Na verdade, foi a realização de um sonho. Eu já tinha a vontade de dublar e sou apaixonada por desenhos, principalmente da Disney/ Pixar. Aprendi muito e tenho muita lembrança afetiva de

lições, músicas e histórias desses filmes. Fiquei muito feliz com essa oportunidade, ainda mais se tratando de Elio, que tem mensagens lindas. A Olga é uma personagem profunda, que fala sobre diferentes configurações de famílias, e eu tô muito encantada com o universo da dublagem. Como é difícil interpretar sem a troca de um parceiro de cena, e isso traz uma responsabilidade especial porque isso vai virar registro para muitas crianças. Elas vão assistir e criar uma memória afetiva para a vida inteira. Então, não é um peso, mas um sonho. É algo leve que se torna uma realização profissional com sabor de infância”, afirmou Juliana Paiva.

“Elio” segue em cartaz nos cinemas de todo o Brasil.

Neste 2025 em que completa 90 anos, Woody Allen é celebrado com exibição de 'Blue Jasmine' na TV aberta e show que destaca a relação de seu cinema com a música, o jazz em particular, em show no Blue note Rio

Jazz para Woody Allen

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

No próximo sábado, às 16h, a TV Brasil vai exibir "Blue Jasmine" (2013), que ganhou 56 prêmios, a se destacar o Oscar de Melhor Atriz para a australiana Cate Blanchett, e rendeu uma indicação à estatueta hollywoodiana para seu roteirista e realizador, Woody Allen. Foi a última vez que ele concorreu, antes de ser "cancelado" por acusações - até hoje nunca provadas - feitas pela filha adotiva, Dylan, e sustentadas por sua ex-companheira, a atriz Mia Farrow.

Patrulado, ele não teve mais chance de produzir com o mesmo fervor de outrora, emplacando uma média de um longa-metragem por ano no passado. Nada mais lançou depois de "Golpe De Sorte Em Paris" ("Coup de Chance", 2023), feito na França, onde segue sendo admirado como um dos cineastas de maior relevo da História. "Meia-Noite Em Paris", com que abriu o Festival de Cannes de 2011, finca sua trama na capital francesa, onde consumiu US\$ 17 milhões para ser rodado, mas faturou US\$ 151,7 milhões, além de ter sido oscariza-

do com a láurea de Melhor Roteiro.

Esse é o filme que serve de reclamação para o show O Jazz De Woody Allen, que o saxofonista, flautista e clarinetista Dado Magnelli apresenta nesta quinta-feira, às 22h30, no Blue Note, na orla de Copacabana, em homenagem ao diretor que virou pilar do riso nas comédias de amor. Um diretor que chega aos 90 anos no próximo 30 de novembro.

Esse espetáculo circunda a tradição jazzística de um cinema que inclui clássicos melódicos dos EUA em toda a sua filmografia na direção, inaugurada com "O Que Há, Tigresa?", em 1966. É uma forma

de seu aniversário ser lembrado com carinho e paz. Da TV aberta brasileira, graças ao empenho da já citada TV Brasil, Woody não arde a pé. Aos fins de semana, sempre tem um título dele, da lavra lançada aqui pela Imagem Filmes. Dublado no Brasil por Elcio Romar, ele já teve até a "Tela Quente" da Globo a seus pés.

Existe um boato de que ele volte a filmar este ano, fazendo da Espanha a base de locação de seu novo exercício autoral. A pátria de Almodóvar lhe trouxe sorte no passado, com "Vicky Cristina Barcelona", que custou US\$ 15

milhões e faturou US\$ 96 milhões, em 2008, além de render um Oscar à atriz Penélope Cruz. É nessa mesma cidade que ele deve trabalhar, a julgar por uma recente visita que fez por lá. Em 2020, em plena pandemia, outro terreno espanhol, San Sebastián, acolheu Allen na abertura de sua aclamada maratona cinéfila anual ao exibir "O Festival do Amor" ("Rifkin's Festival"). A trama se passa por ali e tem estrelas ibéricas como Elena Anaya e Sergi López no elenco. Há como alugá-lo na Prime Video da Amazon. Muitos sucessos de Woody podem ser vistos no streaming da empre-



Divulgação

Clarinetista amador, Woody Allen sempre celebrou a união entre cinema e jazz em seus trabalhos como diretor



Divulgação

Cate Blanchett Estrela 'Blue Jasmine', que ganha espaço na TV aberta

sa, embora ela tenha rompido um contrato milionário com o artista, à força de polêmicas, prejudicando a carreira comercial de seu "Um Dia De Chuva Em Nova York", lançado a duras penas em 2019.

Nas livrarias brasileiras, editoras como a Agir, a Nova Fronteira e a L&PM lançaram pérolas literárias de Woody, como "Fora de Órbita", "Gravidade Zero" e "Pura Anarquia". Sua autobiografia saiu aqui pela Globo Livros, traduzida por Santiago Nazarian, inflamada de controvérsias.

O que vai se ouvir no Blue Note na quinta não passa por feridas abertas, mas sim pelo vasto repertório musical que Woody, um clarinetista amador, ajudou a consagrar, ao emprestar seus ouvidos de fã de jazz à dramaturgia romântica. Certos titãs da pintura também estão sempre nas pupilas daqueles olhos escondidos sob lentes grossas. "Se eu sou um gênio, Rembrandt é o quê?", perguntou Woody numa entrevista de 2006.

Sabe-se que Bergman (seu deus maior, assim no Céu como na tela), Fellini, Renoir e Kurosawa também formam seu panteão de artistas de formação e de culto, tal qual Buster Keaton. Leu Machado de Assis, mas cita mais Dostoiévski e o "Velho Testamento" do que o Bruxo do Cosme Velho.

Sempre que escreve "causos" (em forma de longas), ele arquiteta suas tramas levando consigo a sabedoria judaica na qual foi criado e da qual, por vezes, faz troça. "Roteiros não são literatura. Roteiros são rascunhos para se achar um filme".

Como esquecer(mos) do ator fora de foco vivido pelo saudoso ator Robin Williams em "Desconstruindo Harry", de 1997? Como não se surpreender com o personagem em trajes de safári que sai da tela em "A Rosa Púrpura do Cairo" (1985) para clamar por sua paixão de carne e osso? Como deixar de lado o corifeu edipiano de "Poderosa Afrodite" (1995). São toques de fantasia, por vezes de surrealismo, numa carreira que se imortalizou à força da gargalhada alheia. Que o show de Dado Magnelli seja um "parabéns pra você" sereno para um futuro nonagenário.

Marcos Eduardo Alves Souza/Divulgação



Árvore de embaúba (*Cecropia pachystachya*) está em vias de extinção em Minas Gerais

Oscar Liberal/Divulgação



Marcos Eduardo Alves Souza/Divulgação



Arnalda Maxakali exhibe as fibras da embaúba recém-raspadas

Imersão em tradições milenares

Mostra inédita revela artesanato em fibra natural dos Maxakali, único povo indígena de Minas Gerais que mantém a própria língua

extraem fibras para tecer bolsas, redes, colares, pulseiras e máscaras rituais para os espíritos yâmiyoxp. O trabalho exige colaboração familiar: homens abrem caminhos na mata e derrubam árvores; mulheres descascam delicadamente, transportam o material e fiam manualmente as linhas em suas coxas.

A etnomusicóloga Rosângela de Tugny, que pesquisa os Maxakali há 20 anos, impressiona-se com a preservação cultural do povo. “O povo possui 12 sistemas musicais, em termos de comparação, como se fossem 12 latins”, compara a coordenadora do projeto Terra Viva. “Eles não têm perdas linguísticas. Impressiona a capacidade da transmissão de conhecimento entre eles”, destaca após dedicar oito anos ao registro dos cantos tradicionais.

Os 2.629 habitantes Maxakali distribuem-se entre cinco aldeias nos municípios de Santa Helena de Minas, Bertópolis, Ladainha e Teófilo Otoni. Para Rafael Barros, diretor do CN-FCP/Iphan, a mostra integra ações multidisciplinares de fortalecimento étnico. “Trata-se da última etnia a falar a própria língua no estado de Minas Gerais!”, enfatiza.

A programação inclui a pré-estreia do documentário “Yõg Átak: Meu Pai, Kaiowá”, sobre a busca de Sueli e Maiza Maxakali pelo pai separado da família durante a ditadura militar. O filme, codirigido por Roberto Romero, Sueli e Isael Maxakali, oferece perspectiva sobre as lutas contemporâneas dos povos indígenas brasileiros.

Oscar Liberal/Divulgação



Oscar Liberal/Divulgação



Oscar Liberal/Divulgação



Por Affonso Nunes

O Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, no Catete, apresenta a partir desta quinta-feira (3) uma das manifestações culturais mais singulares do Brasil. A exposição “Hãmxop tut xop - as mãos das nossas coisas: artesanato em fibra de embaúba” revela o universo artístico dos Tikmu’un, conhecidos como Maxakali, a única etnia indígena de Minas Gerais que preserva integralmente sua língua ancestral.

A abertura conta com a presença da mi-

nistra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara, e desvenda um patrimônio cultural ameaçado pela devastação ambiental. Os Maxakali habitam o Vale do Mucuri, nordeste mineiro, onde a embaúba - árvore fundamental para suas práticas rituais - encontra-se quase extinta devido ao aquecimento da região, uma das que mais registrou aumento de temperatura no país.

O antropólogo Roberto Romero, curador da mostra e pesquisador dos Tikmu’un há 15 anos, destaca a importância da iniciativa. “Esta é a primeira vez que ocorre uma exposição da arte das mulheres Tikmu’un, uma oportunidade importante para dar a co-

nhecer a admirável tecelagem da fibra natural da embaúba, um patrimônio cultural deste povo”, explica o doutor em Antropologia pelo Museu Nacional da UFRJ.

A exposição revela um processo artesanal milenar carregado de significados espirituais. Da casca da embaúba, as mulheres Maxakali

SERVIÇO

HÃMXOP TUT XOP

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (Rua do Catete, 179)

De 3/7 a 28/9, de terça a sexta (10h às 18h) e fins de semana e feriados (11h às 17h) | Entrada franca